

# UMA PERSPECTIVA POLISSISTÉMICA SOBRE AS TRADUÇÕES DE FRIEDRICH DÜRRENMATT

Micaela da Silva Marques Moura  
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto  
Portugal  
micaela.marques.moura@gmail.com

## Sinopse

Neste artigo será feita uma análise polissistémica da obra traduzida para o português de Friedrich Dürrenmatt (Suíço, 1921-1990). Recorrendo às opiniões apresentadas por vários articulistas em diversos jornais nacionais, salienta-se, sobretudo, o rumo que as traduções tiveram aquando da viragem do Regime em 1974.

## Abstract

Im folgenden Aufsatz wird eine polysystematische Analyse der Übersetzungen Friedrich Dürrenmatts (Schweizer, 1921-1990) ins Portugiesische gemacht. Es wird hauptsächlich die Richtung die die Übersetzungen nach Wende des Regimes in 1974 genommen haben, hervorgehoben.

**Palavras-chave:** Tradução, Teoria dos Polissistemas, Friedrich Dürrenmatt, Itamar Even-Zohar, 25 de Abril 1974, Portugal

**Schlüsselwörter:** Übersetzung, Theorie der Polysysteme, Friedrich Dürrenmatt, Itamar Even-Zohar, 25. April 1974, Portugal

## **A Teoria dos Polissistemas**

No seu artigo intitulado “Translation Theory Today”, de 1981, Even-Zohar propôs uma abordagem sistémica que se opusesse à falta de rigor existente até aí nos Estudos da Tradução (cf. Bassnett: 2001: 289-290).

Esta primeira abordagem sistémica, que segue o modelo da Teoria dos Polissistemas proposto pelos Formalistas Russos (cf. Even-Zohar, 1990: 1), foi mais tarde desenvolvida num estudo intitulado “Polysystem Studies”, publicado em 1990, onde o autor defende que, apesar de os historiadores terem consciência da importância que as traduções tiveram no estabelecimento das culturas nacionais, poucos estudos foram efectuados nesta área. Em geral, as histórias das literaturas só mencionavam as traduções quando não existia nenhum meio de o evitar. Por conseguinte, faltavam estudos que mostrassem a função da literatura traduzida na literatura chegada, e que indicassem a sua posição dentro dessa mesma literatura. Além disso, também não existia a consciência duma possível existência da literatura traduzida como sistema literário particular. Even-Zohar não apenas compreende a literatura traduzida como fazendo parte de um sistema integral dentro de qualquer outro polissistema literário, como também a considera um sistema muito dinâmico. Afirma que até então os textos traduzidos tinham um estatuto periférico dentro do polissistema literário. No entanto, o lugar da tradução dentro deste sistema depende da constelação especial do dito sistema, podendo ocupar um lugar central ou periférico. No caso de ocupar uma posição central no polissistema literário, a literatura traduzida participa activamente na formação do centro do polissistema. Como tal, as traduções podem fazer parte integrante das forças inovadoras e, quando novos modelos literários surgem, elas podem tornar-se um meio para a elaboração de um repertório novo. Através das obras estrangeiras são introduzidas na literatura de chegada elementos em direcção a um encontro de culturas, que antes lá não existiam. Isto possibilita não apenas que os modelos novos de realidade substituam os antigos, mas também que outros elementos surjam, como,

por exemplo, uma nova linguagem poética ou novos modelos e técnicas de escrita. As obras traduzidas são determinadas pela situação do polissistema da língua de chegada: os textos são escolhidos de acordo com a sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel inovador que possam assumir na literatura de chegada.

Assim, Itamar Even-Zohar define três casos em que a literatura traduzida ocupa um lugar central no polissistema literário de chegada:

1. quando o polissistema ainda não estiver estabelecido, isto é, quando a literatura ainda é “jovem” e que se encontra em processo de estabelecimento;
2. quando a literatura de chegada for periférica ou/ e “fraca”;
3. quando, na literatura de chegada, acontece um ponto de viragem, uma crise ou se cria um vácuo literário (cf. Even-Zohar, 1990: 45-47).

### **A obra traduzida para o português de Friedrich Dürrenmatt**

Tendo em conta o exposto, estudaremos agora, mediante a análise da recepção feita nos jornais portugueses, a posição da obra do autor suíço Friedrich Dürrenmatt no panorama literário nacional, cujos textos foram traduzidos para o português em dois períodos decisivos da vida política portuguesa – antes e depois do 25 de Abril. Gostaria de lembrar que foram representadas, deste escritor, em palcos portugueses, antes de 1974, quatro peças<sup>1</sup>, e publicadas oito traduções em livro. Após esta data histórica, e até hoje, subiram ao palco outras quatro peças, e mais sete traduções foram editadas em livro.

Passando à situação da literatura e das outras artes em Portugal antes da “Revolução dos Cravos”, foi-me possível encontrar no panorama teatral do Estado Novo grande parte das características que o estudioso Even-Zohar enumerou para a segunda fase do polissistema, isto é, Portugal era um país com uma literatura estabelecida, mas periférica, tendo para isso contribuído, naturalmente, a sua

---

<sup>1</sup> Refiro-me aqui apenas ao número de traduções de peças e obras, e não ao número de vezes que as mesmas subiram ao palco ou foram editadas.

situação geográfica. Além disso, havia recursos escassos e os empresários do teatro tinham exclusivamente interesses económicos (cf. Redondo Júnior, 1958: 271). Excepções a estas empresas são o Teatro Novo, os Comediantes de Lisboa e a companhia de Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro (cf. Redondo Júnior, 1958: 271/ 272). Havia, por isso, uma lacuna ou um vazio, que poderia ser preenchido por obras importadas.

Sabemos também que aquele período histórico estava marcado pela proibição de representação e publicação de obras; no entanto, Friedrich Dürrenmatt conseguiu que o seu primeiro grande sucesso como dramaturgo – *A Visita da Velha Senhora* -, fosse representado em palcos portugueses, em 1960, devido a alguma abertura na censura portuguesa. Após a representação da peça acima referida, outras peças do autor deveriam facilmente entrar no nosso país. No entanto, sabemos que mais tarde foi proibida a entrada em Portugal de outra peça de Dürrenmatt - com Marcelo Caetano já no poder (1968-1974) -, devido à entrada em vigor da Lei do Teatro de 1971, cujo estímulo era a difusão das grandes obras da dramaturgia mundial, mas que se traduziu na realidade na proibição, entre várias outras, da peça *Frank V. Komödie einer Privatbank* [Frank, o Quinto. Comédia de um banco privado]<sup>2</sup> de Friedrich Dürrenmatt (cf. Rebelo, 1977: 33).

A lacuna acima referida foi sendo preenchida por obras estrangeiras, que vinham principalmente de França, que era então a cultura de referência para Portugal. Os textos chegavam através dos intelectuais, que dominavam a língua francesa, e que se deslocavam, sobretudo, à capital francesa, tal como Amélia Rey Colaço ou Olavo d'Eça Leal o fizeram. Ou então através da leitura de revistas francesas, como o fez o articulista do *Diário de Lisboa*, a 20 de Fevereiro de 1960, que traduziu a descrição que faz da peça *A Visita da Velha Senhora* do jornal francês “L’Express” e que foi redigida pelo conceituado jornalista e autor suíço Franck Jotterand (1923–2000), que era, por esta altura, correspondente cultural em vários jornais franceses.

---

<sup>2</sup> Minha tradução.

Através destes dois processos as novidades literárias e teatrais foram chegando ao nosso país. No primeiro artigo relativamente à *Visita* publicado, no jornal *O Século*, a 7 de Março de 1960, dia de estreia da peça no Teatro D. Maria II, o articulista menciona precisamente a entrada com esta peça em Portugal de “uma concepção nova na criação dos ambientes” a que a “originalidade do desenvolvimento do conflito” obriga. No entanto, a notícia de chegada desta novidade ao panorama teatral nacional não é apenas mencionada por este diário, mas sim, é referida um pouco por todos os jornais. O *Diário de Lisboa*, por exemplo, considera, a 7 de Março de 1960, a peça uma “novidade de uma peça moderna, estranha, original e audaciosa, contundente e sarcástica”. Também o diário *República*, no dia 7 de Março de 1960, se refere a esta novidade no panorama teatral português, e salienta a questão do tratamento do tema da peça, afirmando o articulista L.O.G. que se trata de “uma obra teatralmente invulgar da dramaturgia do nosso tempo”.

A peça subiu mais duas vezes aos palcos portugueses (em Outubro de 1960 no Porto e em 1967, de novo, em Lisboa), e também por essas ocasiões os testemunhos recepcionais salientam esta novidade teatral. No *Comércio do Porto*, a 21 de Outubro de 1960, o articulista L.G. refere que os espectadores estavam habituados a peças de teatro nos “moldes fundamentais e clássicos” e que esta peça se integra no teatro moderno.

Aquando da terceira representação da peça, o articulista do artigo publicado a 20 de Maio de 1967, no *Diário Popular*, considera a actriz Amélia Rey Colaço “sempre pioneira do Teatro português”, designando a “peça «revolucionária», em ideias e formato (sem que as ideias fossem revolucionárias, é claro)”, e salienta o carácter moderno da peça.

A representação de *A Dança da Morte em Doze Assaltos* em 1970/1972 também ficou marcada por uma novidade: pela primeira vez, em Portugal, utilizava-se um palco de ronda. A actriz Carmen Dolores afirma, num artigo de *A Capital*, datado de 5 de Abril de 1972, que gostou muito de representar a personagem Alice,

“porque foge mais à rotina do género de papéis que costumamos fazer.” No *Jornal de Notícias*, datado de 3 de Junho de 1972, esta actriz, de novo, salienta que este conceito de palco é uma novidade em Portugal, porque foi apresentado um novo conceito de palco, que permitia a interacção com o público. E, como a actriz afirma: “Com esta peça aprendi a ser espectadora (...) o público ajuda, sente-se.”

O reconhecimento de que *A Dança da Morte em Doze Assaltos* enriquecera a temporada teatral de 1971/1972 foi unânime entre os vários articulistas. Maria Helena Dá Mesquita, por exemplo, afirma num artigo de *A Capital*, de 7 de Abril de 1972, que a temporada foi “tristemente parca, e eis que surge um texto arrebatador, arrojada concepção dramática”. Também no diário *República*, de 6 de Abril de 1972, o encenador da peça *A Dança da Morte em Doze Assaltos*, Jorge Listopad, comenta que a temporada fora fraca, e que esperava que esta peça fosse vista como uma peça moderna, quebrando, de alguma forma, “o tédio da actual temporada”.

Pelas opiniões dos articulistas aqui apresentadas, verificamos a importância que as traduções da obra de Dürrenmatt tiveram ao entrarem em Portugal antes de 1974. Tratava-se de um país com uma literatura limitada, que não tinha desenvolvido a panóplia de actividades literárias que outras literaturas centrais já possuíam. E tal como Even-Zohar (1990: 47) explica na sua teoria, as peças que deste autor suíço subiram aos palcos portugueses eram consideradas como sendo uma grande novidade para o panorama teatral português.

Como já foi exposto anteriormente, a terceira situação do polissistema surge quando a dinâmica deste sofre pontos de viragem. Isto é, quando em momentos históricos modelos estabelecidos já não convencem as gerações mais jovens. Nestes momentos, e mesmo em literaturas centrais, os textos traduzidos podem assumir uma posição central. Tal é sobretudo verdade quando num ponto de viragem não existe, no país de chegada, repertório que possa ser aceite. Existe, assim, um vácuo literário, onde a literatura traduzida se infiltra e pode assumir uma posição central (cf. Even-Zohar, 1990: 48).

Transpondo esta situação de vácuo literário para o panorama político

português, e tendo em mente a Revolução de 1974, estávamos perante um momento histórico em que foi permitida a entrada em Portugal de textos porque existia uma total liberdade de produção. No entanto e em relação às obras de Friedrich Dürrenmatt, verifiquei que o número de peças representadas se manteve tal como antes da Revolução de Abril. Todavia, a sua mensagem de crítica social, que antes era omitida, ou pouco salientada, como pudemos ver num artigo do *Diário Popular* de 20 de Maio de 1967, onde o articulista designa a peça de Friedrich Dürrenmatt como uma “peça «revolucionária», em ideias e em formato (sem que as ideias fossem revolucionárias, é claro)”, agora surge de forma mais explícita.

Assim, por exemplo, a representação de *Rómulo* foi caracterizada pela crítica de teatro Manuela de Azevedo, num artigo publicado no *Diário de Notícias* a 9 de Outubro de 1981, como uma peça carregada “de sarcasmos críticos dirigidos ao mundo em que vivemos, aos homens que o habitam, aos governantes que o regem, aos regimes que eles adulteram, consoante os interesses pessoais de cada um”. Tito Lívio, crítico de cinema e de teatro, poeta, ensaísta e encenador, professor de teatro e fundador do Teatro Ibérico, sobejamente conhecido no meio teatral português, refere, em relação à mesma peça e relativamente à tradução a nível cénico, num artigo de *A Capital*, de 27 de Outubro de 1981, que a representação não soube mostrar a ironia e o sarcasmo da peça, que muito tinha a ver com a realidade da política nacional de então.

A propósito de *O Colaborador*, e num artigo publicado no *Público*, a 26 de Outubro de 2001, a jornalista Maria José Oliveira afirma que a peça é “uma clara denúncia de uma sociedade que colabora com o poder, tornando-se uma espécie de cúmplice do terror que agora atravessa o mundo”. Esta peça foi representada em Portugal, coincidentemente, pouco tempo depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001.

Relativamente à publicação do romance *A Justiça*, no semanário *Expresso*, de 29 de Agosto de 1987, José Manuel Cortês afirma que o romance é uma “espécie de parábola crítica dos mecanismos sociais e políticos das classes dominantes

suíças.”

Pelas opiniões dos articulistas aqui apresentados podemos integrar este período na terceira situação, postulado por Even-Zohar, no qual as traduções, tomam uma posição central, ocupando um vazio deixado no polissistema de acolhimento.

### **Considerações finais**

Com este pequeno ensaio tentei aplicar a Teoria dos Polissistemas à obra traduzida para a língua portuguesa do autor suíço Friedrich Dürrenmatt, antes e depois do 25 de Abril.

Sabemos que a situação da literatura em Portugal antes desta data histórica se caracterizava, sobretudo, pela proibição, por parte da censura, da representação de grande parte das peças de teatro estrangeiras em palcos nacionais, tornando-a assim, naturalmente, uma literatura periférica, tal como descrita por Itamar Even-Zohar na segunda fase da sua Teoria dos Polissistemas. A referida censura espelha-se também nas opiniões dos articulistas aqui apresentadas, que, apesar de elogiarem as novidades do teatro dürrenmattiano, são muito contidas, salientando, no entanto, o carácter original das peças e das encenações. Após a Revolução de 1974, por outro lado, e já autorizadas a representação de grande parte do repertório estrangeiro, as opiniões encontradas na imprensa nacional são visivelmente marcadas por uma muito maior liberdade de expressão, devido ao surgimento de um ponto de viragem – no caso de Portugal, político – descrito por Even-Zohar como sendo a terceira fase da sua teoria polissistémica.

### **Bibliografia**

A.F., “No Avenida: A 2.<sup>a</sup> Visita da Velha Senhora”, in: *Diário Popular*, 20/5/1967.

[ANÓNIMO], “A Dança da Morte’ em ringue de boxe”, in: *A Capital*, 5/4/1972.

[ANÓNIMO], “No D. Maria II: Dentro de dias «A visita da velha senhora», de Friedrich Dürrenmatt”, in: *Diário de Lisboa*, 20/2/1960.

[ANÓNIMO], “A Visita da Velha Senhora’: Uma tragédia contada em tom de farsa – diz-nos Cayetano Luca de Tena”, in: *Diário de Lisboa*, 7/3/1960.

[ANÓNIMO], “Dança da morte em 12 assaltos’ no Teatro António Pedro: Três actores num ringue de boxe – Um trabalho ‘difícil e apaixonante’”, in: *Jornal de Notícias*, 3/6/1972.

[ANÓNIMO], “Esta noite no D. Maria II a estreia da farsa”, in: *O Século*, 7/3/1960.

[ANÓNIMO], “A Dança da Morte em Doze Assaltos’ na Casa da Comédia – O encenador Jorge Listopad fala-nos desta peça”, in: *República*, 6/4/1972.

AZEVEDO, Manuela de, “Rómulo, o Grande’ no Nacional”, in: *Diário de Notícias*, 9/10/1981.

BASSNETT, Susan, 2001, “Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução”, in: *Floresta Encantada – Novos Caminhos da Literatura Comparada* (Org. Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão), Publicações D. Quixote, Lisboa, pp. 289-313.

CORTÊS, José Manuel, “Dürrenmatt: o cidadão e a culpa”, in: *Expresso*, 29/8/1987.

DÜRRENMATT, Friedrich, 1960, *A Visita da Velha Senhora – Tragicomédia*, Tradução de Olavo d’Eça Leal e revisão de Rosário Corte-Real, Teatro no Bolso, Lisboa, Contraponto.

\_\_\_\_\_, 1965, *A Visita da Velha Senhora: Comédia trágica, com posfácio – Os Físicos*, Tradução de Irene Issel e Jorge de Macedo, Lisboa, Portugália Editora.

\_\_\_\_\_, 1980, “Der Mitmacher – Ein Komplex”, *Werkausgabe in dreißig Bänden*, Band 14, Zürich, Diogenes.

\_\_\_\_\_, 1980, „Frank, der Fünfte: Komödie einer Privatbank“, *Werkausgabe in*

*dreißig Bänden*, Band 6, Zürich, Diogenes.

\_\_\_\_ 1980, “Play Strindberg – Totentanz nach August Strindberg”, in: Friedrich Dürrenmatt, *Play Strindberg – Porträt eines Planeten – Übungsstücke für Schauspieler*, *Werkausgabe in dreißig Bänden*, Band 12, Zürich, Diogenes, pp. 9 – 93.

\_\_\_\_ 1980, “Romulus, der Große – Eine ungeschichtliche historische Komödie“, in: Friedrich Dürrenmatt, *Dürrenmatt Werkausgabe in 29 Bänden*, Bd. 2, Zürich, Arche.

\_\_\_\_ 1998, “Der Besuch der alten Dame – Eine tragische Komödie – Neufassung 1980“, *Werkausgabe in siebenunddreißig Bänden*, Band 5, Zürich, Diogenes.

\_\_\_\_ 2006, “Friedrich Dürrenmatt – O Colaborador – Uma Comédia“, Tradução de Júlia Garraio, *Cadernos do CIEG n.º 22*, Coimbra, Centro de Interuniversitário de Estudos Germanísticos.

EVEN-ZOHAR, Itamar, 1990, “Polysystem Studies”, *Poetics Today International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*, Volume 11, Number 1.

GROBE, Wilhelm, 1998, “Literaturwissen für Schule und Studium Friedrich Dürrenmatt”, Stuttgart, Philipp Reclam jun..

JÚNIOR, Redondo, 1958, “Encontros com o Teatro”, Lisboa.

L.G., “‘A visita de velha senhora’ – farsa-trágica em três actos de Friedrich Dürrenmatt, traduzida por Olavo d’Eça Leal.”, in: *Comércio do Porto*, 21 de Outubro de 1960.

LÍVIO, Tito, “Um Durenmatt [sic] ‘Soft’: Rómulo, o Grande, no Nacional”, in: *A Capital*, 27/10/1981.

L.O.G., “No Teatro Nacional: ‘A visita da velha senhora’”, in: *República*, 07/03/1960.

MESQUITA, Maria Helena Dá, “A Dança da Morte em 12 Assaltos”, in: *A Capital*, 7/4/1972.

MOURA, Micaela, 2007, *Recepção e Tradução da Obra de Friedrich Dürrenmatt em Portugal*, Tese de Mestrado, Universidade do Porto.

\_\_\_\_\_, 2008, “Tradução Directa ou Indirecta? A Recepção da (primeira) Obra de Friedrich Dürrenmatt em Portugal”, in: *Polissema – Revista de Letras do ISCAP* n.º 8, pp. 137-144.

OLIVEIRA, Maria José, “Teatro do Noreste estreia “O Colaborador”, in: *Público*, 26/10/1981.

REBELLO, Luiz Francisco, 1977, *Combate por um teatro de combate*, Lisboa, Seara Nova.